

Os Intocáveis: Impactos da Raça e Classe Social na Carreira

MICHELI DAL BO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

NICOLLI BASSANI DE FREITAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Os Intocáveis: Impactos da Raça e Classe Social na Carreira

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o fluxo migratório se tornou protagonista no cenário internacional devido a influência da economia pós-industrial a partir dos anos 70 e também das importantes transformações geopolíticas do ocidente no século XX. Atualmente a quantidade de pessoas que se desloca é tão grande que alguns autores sugerem que estamos vivendo na era das migrações, sintetizadas em cinco características fundamentais: globalização, aceleração, diferenciação, feminização e a crescente politização das migrações (CAVALCANTI, 2015).

Dentre as diferentes causas da migração internacional, destacam-se os conflitos armados, a opressão política, a pobreza e a ausência de redes de segurança para as necessidades fundamentais. Também nesse contexto se originam os deslocamentos compulsórios de trabalhadores, por vezes, expropriados de suas terras, de seus postos de trabalho e emprego, ou pressionados pela falta de oportunidades, que ficam obrigados a migrar em busca de alternativas de sobrevivência (OLIVEIRA, 2006).

A presença de imigrantes no mercado de trabalho formal e informal no Brasil vem crescendo exponencialmente nos últimos anos. Esses fluxos migratórios são cada vez mais diversificados e com diferentes origens geográficas, sociais e culturais. O avanço do processo migratório tende, com o passar do tempo, a configurar fluxos envolvendo um maior número de migrantes e assumindo contornos de redes (CAVALCANTI, 2015).

No dia 2 de maio de 2017, aconteceu uma Marcha Anti-Imigração na Avenida Paulista, em São Paulo, demonstrando o quanto o discurso de ódio em relação aos imigrantes, que se encontram em uma situação de marginalização, se acentua no país. Na ocasião, imigrantes palestinos que se opuseram à marcha foram agredidos e detidos pela polícia (CARTA CAPITAL, 2017). Em 25 de outubro de 2016, em audiência pública, um imigrante relata: 'Haitiano vive com medo aqui'. Nessa mesma audiência, a advogada relatou que um imigrante haitiano que trabalhava na construção civil, depois de sofrer "agressões verbais", teria sido jogado do segundo andar de um prédio por "colegas" de trabalho. Após um mês internado, ele teria fugido para o Chile devido às ameaças recebidas (REDE BRASIL ATUAL, 2016). Os imigrantes, em sua grande maioria, sofrem com xenofobia no trabalho, além de frases racistas e agressões, porém a maior parte deles não denuncia por medo (O TEMPO, 2016).

O racismo também se torna presente na vida dos trabalhadores brasileiros, Ianni (1978) explica que o operário negro não desfruta dos mesmos direitos do operário branco que se acha em idêntica situação. Para ser igual a um operário branco, o operário negro precisa ser melhor que o operário branco. Na estrutura ocupacional e na escala de salários, o negro está em piores condições. Em abril de 2010, na cidade de Caxias do Sul, um aposentado, fundador de uma rede de supermercados, foi condenado pela Justiça do Trabalho a pagar R\$ 100 mil de indenização pelo dano moral à uma operadora de caixa. Em abril de 2010, quando ela estava grávida, ele teria perguntado a ela "a diferença entre uma negra barriguda e um fusquinha quebrado na esquina", seguida da resposta "ambos estão esperando um macaco" (JORNAL PIONEIRO, 2011).

O legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho dos negros por quatro séculos. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história, pois no Brasil a pobreza tem cor (BENTO, 2002).

As questões relacionadas com a classe social, raça e nacionalidade são fontes de preconceito e desigualdades entre os indivíduos nas organizações e na sociedade. Nesse contexto, o capital cultural e social dos trabalhadores exerce influências em suas relações de

trabalho e na entrada e manutenção dos trabalhadores no mercado de trabalho (BOURDIEU, 2008). O objetivo deste artigo é analisar aspectos relacionados a classe social e raça sob uma perspectiva de carreiras. Para atender ao objetivo proposto, optamos por conduzir uma pesquisa qualitativa por meio de análise fílmica da obra francesa “Intouchables”, que retrata a relação de um aristocrata tetraplégico e do seu cuidador, que é negro. O filme é baseado no livro autobiográfico de Philippe Pozzo di Borgo, *Le Second souffle*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Carreira

Os estudos de carreira integram uma diversidade de campos teóricos. Sob uma perspectiva do interacionismo simbólico, a carreira pode ser definida como “a combinação processual entre aspectos objetivos e subjetivos pelos quais o indivíduo passa e dos quais interpreta e concebe a própria identidade” (DELUCA E ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2015) e também como relações recíprocas de sujeitos e coletividades inscritas em determinado contexto e tempo histórico (DELUCA E ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016) possibilitando, assim, a compreensão da relação recíproca entre sociedade e indivíduo (BARLEY, 1989, APUD DELUCA E ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016). Portanto, o conceito de carreira empregado neste artigo envolve todos os aspectos da vida do indivíduo, ultrapassando a ocupação.

O *status* é o papel social que tem uma definição no padrão social ou na lei, portanto não é individual, mas histórico e o seu conjunto, que forma os cargos, torna o que já foi individual em impessoal e formal. Desta forma, *status* e cargos são aspectos sociais que fazem parte de organizações e instituições (BARKLEY, 1989 apud DELUCA e ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016). Durante a trajetória individual, “a pessoa passa por *status* e cargos, os vivencia e os narra, a partir de sua concepção, fazendo sentido e traçando decisões de acordo com o conjunto de suas experiências, que lhe são singulares. Desse modo, sua carreira é singular, individual, mas é também social”. Portanto, a carreira pode ser vivenciada pela pessoa, porém é feita por coletividades (DELUCA E ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Mayrhofer et al (2012), as carreiras são sempre carreiras em contexto, sendo influenciadas pela origem, trabalho, sociedade, cultura e o global. Estes elementos se relacionam e formam o cenário em que as trajetórias são construídas. A compreensão da história e do momento em que os indivíduos, grupos e organizações estão possibilita a investigação das interações, observando o surgimento e a construção de carreiras individuais, como também o aparecimento, a transformação e a extinção de ocupações (DELUCA E ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016).

A literatura sobre imigração de países desenvolvidos sugere que suas experiências raramente são marcadas por restrições estruturais e práticas de exclusão. Porém, em contraste, os imigrantes de países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos experimentam barreiras no desenvolvimento de suas carreiras, mesmo para aqueles profissionais com diversas qualificações e experiências profissionais. Eles também enfrentam discriminação ao procurarem empregos e mesmo quando os trabalhadores conseguem emprego, os procedimentos de autorização de trabalho são tão complicados, caros e duradouros, o que acaba desencorajando a contratação destes profissionais pelos empregadores (ARISS & ÖZBILGIN, 2010).

A França tem uma história relativamente longa e um contexto problemático de imigração com objetivo de inserção no mercado de trabalho. Antes de 1970, os imigrantes italianos, espanhóis, portugueses e norte-africanos iam para a França para preencherem vagas menos qualificadas. Entretanto, após esse período, a França teve uma estagnação econômica gerando, assim, a necessidade de uma força de trabalho estrangeira. Portanto, em vez de

voltarem para seus países de origem, os imigrantes, em sua maioria homens, permaneceram na França e trouxeram suas esposas e filhos. Porém, desde 1974, as políticas de imigração francesa têm limitado a entrada de imigrantes para força de trabalho (ARISS & ÖZBILGIN, 2010).

Em termos de oportunidades de trabalho e representação política, existem bastante disparidades entre cidadãos franceses nativos e imigrantes. Os jovens de origem étnica minoritária enfrentam discriminação ao inserirem-se no mercado de trabalho. Além disso, eles também estão sub-representados nas esferas política e econômica. Em 2007, a campanha presidencial enfocou na necessidade de controlar a imigração com o objetivo de aumentar a participação dos imigrantes no mercado de trabalho. Contudo, os procedimentos governamentais permaneceram muito seletivos e complexos ao se contratarem imigrantes de países fora da União Europeia. Para a maior parte dos trabalhadores não pertencentes à União Europeia, e que estão dispostos à residirem na França para fins de trabalho, são solicitados que encontrem empregos permanentes ou de, pelo menos, um ano de contrato. Além disso, os empregadores precisam provar que não há trabalhador francês qualificado para preencher a vaga em questão. Isso envolve um procedimento longo que é desanimador para os empregadores e para os empregados (ARISS & ÖZBILGIN, 2010).

Há dois tipos de empregos disponíveis para cidadãos que não são franceses: profissões regulamentadas e não regulamentadas. Ambos exigem permissão de trabalho, porém a institucionalização de diversas barreiras em profissões regulamentadas resulta em muita dificuldade de inserção neste tipo de trabalho pelos imigrantes. No caso das profissões não regulamentadas – tais como engenharia ou negócios – o reconhecimento das qualificações dos imigrantes dependem de cada organização. Em outras palavras, se um empregador reconhece o valor das qualificações de um funcionário, nenhuma barreira é estabelecida pelo estado contra o emprego da pessoa. Contudo, entre as profissões regulamentadas (por exemplo, medicina e direito), os funcionários devem ter cidadania francesa ou passar por um processo de seleção complexo - estabelecido e administrado por instituições governamentais francesas - antes da prática de trabalho ser permitida. Assim, os trabalhadores que tentam trabalhar em profissões regulamentadas tem mais dificuldades do que aqueles em profissões não regulamentada, sendo que empregos no setor público e em profissões regulamentadas são praticamente reservados para os cidadãos da União Europeia (ARISS & ÖZBILGIN, 2010).

2.2 Classe social

O mundo social se apresenta como um objeto confuso e multifacetado, e neste sentido, é importante perceber as hierarquias de questões mais importantes a serem esclarecidas. A detenção do poder é central para toda a sociedade, pois é seu domínio que determina quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído. O dinheiro, que é uma mera convenção, só exerce seus efeitos porque está ancorado em acordos políticos e jurídicos que refletem o poder relativo de certos estratos sociais. Assim, para se conhecer uma sociedade, é necessário reconstruir os caminhos tortuosos do processo que permite a reprodução do poder social real, que precisa ser legitimado. Essa legitimação do poder social é criada pelos intelectuais e é a chave de acesso a todos os privilégios (SOUZA, 2017).

Sobre as classes, Souza (2017) afirma que as classes superiores são as classes do espírito e do conhecimento valorizado, enquanto as classes trabalhadoras são do corpo, do trabalho braçal e muscular, na qual se aproxima dos animais. O homem é percebido como espírito, enquanto as mulheres são definidas como afeto e, assim, surge a divisão sexual do trabalho, que relega as mulheres ao trabalho invisibilizado e desvalorizado na casa e no cuidado dos filhos. Como não refletimos sobre essas hierarquias, elas acabam se tornando naturalizadas. A hierarquia moral também nos é invisível, porém seus efeitos, ao contrário, são muito visíveis. Esse mesmo esquema possibilita que o branco se oponha ao negro como superior também de

maneira pré-reflexiva. Mesmo as supostas virtudes do negro são ambíguas, uma vez que essas virtudes os animalizam com a força física e o apetite sexual. O grande problema dessas hierarquias, que se tornam invisíveis e pré-reflexivas, é sua enorme eficácia para colonizar a mente e o coração de quem também é inferiorizado e oprimido.

Os seres humanos são construídos por influência de instituições. Suas disposições para comportamentos fundamentais, como a disciplina, o autocontrole e o pensamento prospectivo, são ensinadas por meio de prêmios e castigos institucionais não necessariamente físicos, nem necessariamente menos conscientes. Como, por exemplo, na família, desde a infância, são os olhares de aprovação e reprovação dos pais que mostram aos filhos os comportamentos apropriados e as disposições para o comportamento que eles devem reprimir ou desenvolver. Já a escola prolonga e aprofunda, com os mesmos métodos, a socialização familiar. Depois, no indivíduo adulto, seu sucesso no mercado de trabalho irá depender do mesmo mecanismo de formatação e disciplina da personalidade em um sentido ainda mais aprofundado. As instituições fundamentais nos moldam e nos constroem, tanto pelo direcionamento explícito ou pelo incentivo, para a criação de disposições que irão construir o comportamento prático. O conjunto de instituições, especialmente a instituição familiar, que irá determinar a singularidade e a direção específica desse impulso em cada um de nós. É assim que somos construídos: não pelo sangue ou por heranças fantasiosas que desconsideram todo efeito institucional (SOUZA, 2017).

Sobre as desigualdades sociais dos jovens que acabam refletindo em desigualdades de oportunidades ao longo de sua trajetória, Jessé de Souza (2012, p. 52) se posiciona quanto aos privilégios das classes média e alta e a inexistência de tais privilégios nas classes dominantes, conforme segue:

A meio caminho entre a prisão na necessidade cotidiana, que caracteriza a “ralé” e sua condução de vida literalmente sem futuro, e o privilégio de “poder esperar e se preparar para o futuro”, que caracteriza as classes média e alta, temos a condução de vida típica dos batalhadores. Como inexistente o privilégio das classes dominantes da dedicação ao estudo como atividade principal e muitas vezes única, a apropriação de capital escolar e cultural vai ser, tendencialmente, menor que na verdadeira classe média. Como consequência, salvo exceções, o tipo de trabalho tende a ser técnico, pragmático e ligado a necessidades econômicas diretas. Inexistente o “privilégio da escolha” para os batalhadores. O trabalho e o aprendizado das virtudes do trabalho vai ser, para muitos, a verdadeira “escola da vida”.

Estudos do Instituto Sindical Interamericano pela Igualdade Racial (Inspir), de 1999, apontaram que a remuneração média dos trabalhadores da população negra, em várias regiões metropolitanas brasileiras, era, em média, quase a metade da renda da população não negra. O mesmo estudo ainda apontou que o jovem negro tinha em média uma escolarização menor que a do jovem não-negro. Uma das explicações para isso seria que o jovem negro, bem como o pobre, precisaria, precocemente, se inserir no mercado de trabalho, submetendo-se a trabalhos com menor remuneração por ser mais difícil de ser aceito em virtude do preconceito racial de que é vítima.

Souza (2012) afirma que a precariedade do trabalho contribui para a desorganização da vida como um todo, que tem efeitos como a diminuição das possibilidades de realização de planos e aspirações futuras. A tensão entre trabalho e estudo se expressa na esperança de que o estudo gerará uma maior estabilidade no mundo do trabalho. Neste contexto, o trabalho não surge como uma consequência suave do estudo, mas sim é encarado enquanto esperança pela garantia de uma integração estável no mundo do trabalho.

A partir dos anos 1970, surge a temática da inserção profissional na França como uma preocupação política pelo crescimento do número de jovens com elevada formação, porém com dificuldades de ingresso no mercado de trabalho. Bourdieu e Passeron (1970) realizam os primeiros estudos com abordagem sociológica sobre a manifestação da violência simbólica nas

ações pedagógicas, nas quais impõem uma cultura dominante e servem para a reprodução da estrutura de classes (ROCHA-DE-OLIVEIRA E PICCININI, 2012).

Sendo assim, para que os cidadãos oriundos de classes menos favorecidas pudessem ingressar em carreiras com maior reconhecimento seria necessário que rompessem com os valores e saberes de seu grupo e aprendessem os padrões ou modelos culturais estabelecidos neste tipo de carreira. A partir disso, para alcançar o sucesso escolar e, conseqüentemente, inserir-se no mercado de trabalho, seria mais fácil para os provenientes das classes dominantes, uma vez que eles já teriam aprendido os modos de ser e de agir previamente (BOURDIEU E PASSERON, 1970 *apud* ROCHA-DE-OLIVEIRA E PICCININI, 2012).

A inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho está relacionada com as mudanças que ocorrem em um contexto social maior, com destaque para mudanças as que afetam o campo do trabalho e do ensino. Para evitar o crescimento do desemprego na França, foi criado um espaço pós-escolar considerado intermediário entre a escola/universidade e o mercado de trabalho. Os sistemas de ensino e de emprego deixam de ser orientados pela busca da adequação entre formação e emprego. A proposta de postergar a entrada do jovem no mundo do trabalho, mantendo-o por maior tempo possível no sistema de ensino, gerou um aumento das expectativas sobre o momento desse ingresso, que resultaram em uma desvalorização dos diplomas e no rebaixamento de alguns grupos profissionais (COHEN, 2007 *apud* ROCHA-DE-OLIVEIRA E PICCININI, 2012).

A partir dos pontos mencionados, pode-se compreender como o papel do emprego conduz a discussão sobre inserção profissional para novos caminhos. As dificuldades encontradas para o ingresso no mercado de trabalho não produzem apenas repercussões sobre o adiamento da entrada dos jovens na idade adulta e o conseqüente prolongamento da juventude, como também acabam por atrasar o acesso ao estatuto de cidadão de pleno direito, conferido pela inscrição na sociedade salarial (ROCHA-DE-OLIVEIRA E PICCININI, 2012).

Tendo como pressuposto a qualificação como construção social, os indivíduos colocam-se nesse espaço como recursos diferenciados, que dizem muito mais respeito às suas pertencas social e cultural e às suas redes familiares ou locais, do que ao diploma propriamente dito. Pela constância em que o fenômeno é observado, pode-se conceber a entrada na vida profissional não mais como uma trajetória individual, mas como um fenômeno estruturado socialmente, visto como uma dinâmica que implica as políticas de gestão da força de trabalho. As estratégias que guiam a transição entre a formação e a inserção no trabalho podem ser diversas, como prolongar os estudos ou aceitar empregos em tempo parcial. Entretanto, nem todos os indivíduos conseguem realizar essas estratégias, como aqueles que entram na vida ativa com baixos níveis de escolaridade e que, por sua condição de classe, não tem possibilidades de fazer escolhas (FRANZOI, 2011).

As práticas do Estado, dos empresários e das redes sociais, auxiliam na transição, mobilização, manutenção e na renovação da mão de obra. Estudos recentes sobre trajetória profissional mostram que os indivíduos de classes populares possuem redes muito precárias, com pouca capacidade para auxiliá-los em seus projetos de vida e, muitas vezes, conduzem-nos para longe da carreira que procuram traçar. Nestes casos, caberia ao poder público suprir o papel das redes sociais (FRANZOI, 2011).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em relação à abordagem, a pesquisa pode ser definida como qualitativa. Godoy (1995) fundamenta que a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente, isso é, não reduzidos a variáveis, mas observados como um todo, dentro de um contexto.

No que tange a coleta de dados optou-se pela análise fílmica, cujo objetivo está em pensar uma obra de cinema em seu pormenor, tentando apreciá-la e compreendê-la melhor partindo do estudo minimalista de um ou mais de seus aspectos. É assim que Vanoye e Goliot-Lété (1994, p. 15) definem a análise fílmica:

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, [...] decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar matérias que não se percebem isoladamente ‘a olho nu’, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para ‘desconstruí-lo’ e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. [...] Uma segunda fase consiste, em seguida, em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significativo: reconstruir o filme ou o fragmento.

A análise fílmica é respaldada pelo estudo observacional indireto e não participante. O uso dessa estratégia de observação não participante é defendido por Flick (2009), que caracteriza a análise fílmica como uma estratégia em que o observador tende a não influenciar o fenômeno observado, pois ele constrói os significados para si mesmo, a partir de suas pressuposições e acaba por direcionar as ações dos atores da forma como ele a percebe.

A coleta de dados por meio da análise fílmica resulta em uma estratégia menos tendenciosa e mais apurada, uma vez que os registros podem ser reavaliados tantas vezes quanto necessárias, devido à vantagem do acesso repetido às cenas, o que permite a inclusão de vários aspectos diferentes de um mesmo fato (COOPER; SCHINDLER, 2003; LEITE; NISHIMURA; LEITE, 2010).

O filme cria um espaço para a representação do mundo, na qual os indivíduos encontram a si mesmos. A realidade pode se manifestar com intensidade na narrativa ficcional (PHILIPS, 1995). Sobre a temática da linguagem fílmica, destaca-se que, em 1948, Maurice Merleau-Ponty considerou o cinema uma arte fenomenológica, no sentido de que o filme não é uma simples soma de imagens fixas e, sim, a percepção do todo que é acompanhada de uma unidade temporal, visual e sonora. Do mesmo modo, a significação do cinema passa a ser possível diante da percepção do indivíduo que, em vez de pensar o filme, percebe-o. Nesse contexto, a percepção, o olhar e a memória são os agentes de modificação entre o real e o irreal e tornam-se mais que receptores de sensações, pois realizam um trabalho intelectual, possibilitando uma reflexão entre a realidade e o irreal (VIEGAS, 2008).

Flick (2009) sugere um modelo para análise de filmes com quatro etapas: ver e sentir: o filme é assistido de forma ampla, capturando impressões, sentimentos e significados visíveis; definir questão de pesquisa: por meio de cenas-chave, perguntas são formuladas para encontrar a questão de pesquisa; microanálises estruturadas: análise das cenas (atenção para cenários, falas, contexto, comunicação não-verbal) para encontrar padrões e descrições detalhadas; busca por padrões: para responder à questão de pesquisa, procura-se padrões no filme completo.

Tendo em vista o objetivo deste artigo, selecionamos um filme em que fosse possível observar a influências dos diversos elementos de classe social e raça no processo de seleção de pessoal e na rotina de trabalho. O filme analisado foi a obra francesa “*Intouchables*”, um filme biográfico e de comédia dramática, produzido por Oliver Nakache e Éric Toledano, lançado na França em 2011. O filme aborda a relação de um aristocrata tetraplégico e do seu cuidador que é imigrante. As divergências ocasionadas pela origem de classe ficam evidentes no filme, baseado no livro autobiográfico de Philippe Pozzo di Borgo, *Le Second souffle*. O filme, assim como o livro, são baseados em fatos reais.

Para analisar o filme, cada autor assistiu individualmente, e fez suas análises e anotações individuais. As diversas anotações proporcionaram debates e trocas de impressões e nos **possibilitou analisar os diversos elementos de classe, raça e nacionalidade que surgiram ao longo do filme e seus impactos na carreira.** Algumas cenas e falas foram

selecionadas por serem consideradas relevantes para o atendimento do objetivo deste estudo. O filme é francês, o que ocasionou uma limitação devido a língua estrangeira. Neste sentido, as falas transcritas foram fiéis a legenda em português.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção apresentamos brevemente o contexto e o enredo do filme, assim como a caracterização dos personagens principais e, em seguida, os aspectos do filme relacionados à classe, raça e carreira. O filme *“Intouchables”* relata a história de uma relação de trabalho e amizade entre um imigrante senegalês e um aristocrata tetraplégico francês, apresentando as diferenças sociais, culturais e econômicas dos dois personagens. Philippe é um multimilionário que fica tetraplégico após um acidente com parapente, e está em busca de um cuidador para auxiliá-lo em sua rotina. Driss é um imigrante senegalês que mora no subúrbio de Paris, e que não tem a formação necessária para o cargo de cuidador de Philippe, tão pouco possui o padrão étnico e social dos demais funcionários de Philippe. O foco do filme, entretanto, não é representar o acidente, mas retratar o relacionamento entre Philippe (François Cluzet) e seu cuidador, que na produção se chama Driss (Omar Sy), jovem negro, imigrante, morador da periferia, sem formação escolar.

O cenário apresentado pelo filme é de quebra de paradigmas sociais, culturais e raciais, em que, de um lado está o aristocrata Philippe, portador de deficiência física, do outro está o imigrante Driss, portador de deficiências sociais. A relação entre os dois faz com que as deficiências de um sejam supridas pelo outro, o que possibilita que a relação de trabalho ocorra e tenha continuidade e também permitindo a Driss o início de uma carreira na qual ele aparentemente não teria os pré-requisitos necessários.

O filme apresenta contradições do status social, da idade, da condição física, da cor da pele, da visão de mundo e dos tipos de relacionamento. As cenas iniciais do filme passam ao telespectador a impressão de afastamento entre Philippe e Driss, de um lado um aristocrata branco e do outro um imigrante senegalês negro. Ambos nem se quer trocam olhares e fica evidente que são intocáveis: Philippe por ser rico e tetraplégico acaba não sendo uma pessoa bem vista pela sociedade, e Driss por ser pobre, negro, imigrante e marginalizado também acaba sendo uma pessoa com a qual a sociedade também não simpatiza. A relação entre os dois aparentemente seria difícil.

Nas primeiras cenas do filme, após Driss realizar a ultrapassagem no trânsito, Philippe olha para ele e dá a impressão de que não havia concordado com a atitude de Driss. A sensação de diferença e discordância entre os dois personagens deixa de existir somente na cena em que Driss ouve a polícia e propõe uma aposta e Philippe concorda. A partir desta cena é possível identificar que há uma parceria entre os dois personagens apesar de sua evidente diferença de classe social.

A cumplicidade dos dois personagens fica evidente quando a polícia para o carro, pois de um lado a dupla tem a “desvantagem” de Driss ser negro e desencadear preconceito por parte da polícia, que logo o trata como um marginal, porém, por outro lado, eles aproveitam a “vantagem” de Philippe ser tetraplégico e simulam que ele está convulsionando e, por esse motivo, Driss estava em alta velocidade. Os dois conseguem tirar proveito de uma situação que é considerada negativa para sociedade: a deficiência de Philippe.

Por meio da comprovação da deficiência e convulsão de Philippe, Driss se sente imponderado para gritar e argumentar com os policiais, algo que não seria possível se ele estivesse sozinho naquela situação. A deficiência de Philippe dá voz a Driss que é negro e imigrante, gerando credibilidade. Após Driss ganhar a aposta de Philippe e conseguir a escolta policial até o pronto socorro, ele diz para Philippe *“vamos mudar o clima por aqui”* e coloca a música *“September”* da banda Earth, Wind & Fire, que não era o tipo de música clássica que

Philippe costumava ouvir, mas que acabou desenvolvendo gosto pela influência de Driss. E os dois seguem mexendo a cabeça e cantando até o hospital em tom de alegria. Fica evidente a influência cultural que as classes podem exercer. Inclusive ao chegar no hospital Philippe fala “*que bem que ela me faz*”, se referindo a música.

O filme segue com a cena da sala de espera para a entrevista. Esta cena inicia com ênfase aos sapatos sociais e pretos dos candidatos, e mostra os sapatos brancos de Driss, destoando do ambiente, denotando que ele não faz parte daquele ambiente, deixando evidente as diferenças entre as classes (Figura 1).

Figura 1 - Cena da sala de espera evidenciando sapatos



Fonte: Filme Os Intocáveis

Na sequência a cena mostra os rostos e roupas, na qual todos os candidatos são brancos e estão vestidos socialmente com suas maletas, sendo que Driss é o único negro do ambiente. Todos os brancos usam sapatos pretos e o único negro usa sapatos brancos. O local é bem luxuoso e a imagem por si só exclui Driss deste ambiente. Na imagem seguinte há ênfase nas mãos brancas, evidenciando as questões de raça (Figura 2).

Figura 2 - Cenas na sala de espera evidenciando raça e classe



Fonte: Filme Os Intocáveis

A forma de viver e compreender a vida, compartilhada por um grupo social, define sua situação e pertencimento de classe. Neste sentido, para Bourdieu (2008), a posição ocupada pelos sujeitos na sociedade, ou seja, seu pertencimento de classe, está associada as suas disposições, que constituem um *habitus*, e será essa posição ocupada que determinará os capitais, sejam eles culturais, econômicos, políticos, que esse agente possui.

Quanto ao capital cultural de Driss e Philippe, logo que eles se conhecem na entrevista já fica evidente suas diferenças culturais, Philippe não conhece os artistas que Driss cita como suas preferências, de mesmo modo, Driss não conhece os artistas que Philippe cita conhecer. Fica claro que o capital cultural que cada um possui é compatível com sua classe social. Após Philippe afirmar não conhecer os artistas citados, Driss responde:

Driss: “*Se você não conhece isso, então você não conhece música*”

Philippe: *“Olha eu não me considero completamente ignorante no campo da música, eu só não conheço as suas preferências.”*

Driss: *“E você não conhece Tim Maia, né?”*

Philippe: *“E você conhece Chopin, Chusberg e Berlioz?”*

Outra cena que retrata as diferenças culturais entre Driss e Philippe, é a do aniversário de Philippe onde ao fim da festa Driss substitui Vivaldi por ‘Boogie Wonderland’ e exibe seus movimentos de dança.

Neste contexto, Souza (2010) afirma que valores, afetivos, heranças sociais, culturais, emocionais e morais, transmitidos no processo de socialização familiar, permeiam a distinção dos indivíduos e a diferenciação em uma ou outra classe social. A partir disso, classes sociais não são determinadas apenas pela renda, nem somente pelo lugar ocupado no sistema de produção, e sim pela visão de mundo prática compartilhada por um grupo específico de indivíduos, que se revela nos comportamentos e atitudes do cotidiano.

Ainda nas cenas relacionadas a entrevista, fica evidente que todos os candidatos tinham formação e/ou experiência, enquanto Driss não tinha formação, experiência e nem referências. Diante do contexto, Driss percebeu que não se encaixava socialmente naquele ambiente, isso fica claro em sua fala:

Philippe: *“Qual o motivo da sua presença aqui?”*

Driss: *“Eu preciso de um visto, porque eu me candidatei a essa vaga aí, e infelizmente apesar de minhas qualificações e toda aquela lenga lenga lá eu não preencho os requisitos, então eu preciso de um visto para dar entrada no meu auxílio desemprego”.*

Philippe: *“Eu entendo seus motivos, mas você não tem nenhuma ambição na vida?”*

Driss: *“É claro que eu tenho, e uma delas é essa aí! Aí que mulher meu Deus!”* (se referindo a Magalie, assistente de Philippe).

Neste trecho do filme além das questões relacionadas a qualificações, fica evidente a relação feita entre o marginalizado negro e a sexualidade, pois ao ser questionado por Philippe sobre suas ambições Driss responde afirmando que uma de suas ambições seria Magalie.

Na sequência quando Driss volta para a casa da tia na periferia. As cenas revelam a família humilde e numerosa. Quando todas as crianças se acomodam à mesa, Driss observa, da janela, um de seus primos chegando. Ele desce de um carro preto. Passando ao espectador a tomar a posição de Driss, que por ser recém-saído da prisão, tem experiência suficiente para perceber que o primo mais novo está prestes a entrar no mundo das drogas. Nas cenas da casa de Driss, fica claro o contraste com a casa de Philippe. A casa de Driss é pequena e cheia de crianças, o filme remete as mulheres mães solteiras que criam seus filhos sozinhas. Na cena do banheiro, quando as crianças abrem a torneira falta água na banheira, em contraste com a cena na casa de Philippe, em que Driss conhece seu quarto e fica admirado com o luxuoso banheiro privativo que está incluso em seus benefícios.

Assim quando Driss retorna a casa de Philippe para pegar seu documento do seguro desemprego assinado, é surpreendido pelos questionamentos de Philippe, que remetem a imagem de que o negro, imigrante, pobre e marginalizado não tem interesse em trabalho formal, onde lhe seja exigido responsabilidade e cumprimento de horários:

Philippe: *“Já pensou na possibilidade de um emprego, com documentação, horário, agenda e responsabilidades?”*

Driss: *“Eu me enganei, você tem senso de humor”*

Philippe: *“Por que você não aceita fazer um teste aqui por um mês? Por que não pensa e depois responde? Aposto que não dura um mês.”*

Posteriormente Driss acaba aceitando a vaga de emprego, e como não tem experiência começa a aprender as atividades envolvidas em sua rotina. Na cena em que Driss está aprendendo a dar banho em Philippe é retratado as diferenças de costumes entre as diferentes classes. Driss por desconhecer creme para os pés acaba passando no cabelo de Philippe, por

achar que era xampu. E Philippe por estar acostumado aquela rotina e produtos ironiza o erro de Driss questionando se ele sabia ler.

Philippe: *“O que é? Tá com nojo? Quer luvas pra esfregar? Força nisso aí vai!”*

Driss: *“É que não faz espuma, tô esfregando aqui e não faz espuma! Que droga!”*

Marcele: *“O que está acontecendo?”*

Driss: *“Eu tô passando xampu, mas não faz espuma!”*

Marcele: *“Não é pra menos! Não pode ser, olha isso! Você está passando o creme pros pés na cabeça.”*

Driss: *“A tá de brincadeira!”*

Philippe: *“Me diz uma coisa, pelo menos você sabe ler?”*

Driss: *“Claro que eu sei!”*

Marcele: *“Pelo menos você é bem esforçado.”*

Driss: *“É que pra mim só tinha xampu e sabonete né! Isso aqui é muita coisa.”*

Sobre os costumes e hábitos na cena quando Driss está colocando a meia ortopédica, Philippe comenta sobre o brinco de Driss, e na cena da festa de aniversário de Philippe ele aparece usando um brinco igual ao de Driss. Fica evidente a influência que Driss teve na vida de Philippe.

Sobre as questões relacionadas a identidade, e neste contexto sobre a invisibilidade da carreira de cuidador, podemos perceber na fala de Elisa, que é filha de Philippe:

Elisa: *“Vamos embora...esse é o novo cuidador do meu pai.”*

Bastien: *“A entendi!”*

Driss: *“Eu tenho nome, viu!”*

Ainda sobre as diferenças entre os capitais culturais, na cena na galeria de artes, Philippe se interessa por um quadro que custa aproximadamente 30.000 euros, que deve ser o valor aproximado que Driss ganharia em um ano trabalhando como cuidador. Driss acha um absurdo que Philippe queira pagar tão caro em um quadro que, do ponto de vista dele, não tem nada de excepcional e mal poderia ser considerado como uma arte. Conforme o seguinte diálogo, onde também podemos identificar questões relacionadas aos privilégios de algumas classes, onde Philippe não está acostumado a receber não como resposta, quando Driss diz que não vai lhe dar chocolate ele não consegue entender:

Atendente da galeria: *“Mal inauguramos e terça-feira já houve um lance”.*

Driss: *Tá brincando! Faz meia hora que fizeram esse negócio aí. Tá me tirando né?*

Philippe: *Há muita serenidade que extravasa nesse quadro, até mesmo uma certa violência.*

Atendente da galeria: *Acho ele muito comovente*

Driss: *Esse borrão vermelho é comovente? Quanto é que custo isso aí?*

Atendente da galeria: *Creio que são 30.000 euros, mas posso conferir se quiser.*

Driss: *Olha é bom você conferir mesmo, porque isso aí é um absurdo. Trinta mil não é possível por isso aí cara, eu mesmo faço isso aí!*

Philippe: *É você vai ver que é possível.*

Driss: *O cara levou um soco no nariz, jogou o sangue na tela e vale 30.000 euros?*

Philippe: *Me responde uma coisa Driss, por que as pessoas se interessam por arte?*

Driss: *Sei lá, acho que é um negócio.*

Philippe: *Não, é porque ela é a única prova da nossa passagem pela terra.*

Driss: *A para com isso Philippe, me dá 30.000 que eu te mostro o que é deixar uma marca no mundo. Você me dá 30.000 que eu faço uma coisa muito melhor do que isso.*

Philippe: *A cala a boca e me dá um chocolate. Vai me dá o chocolate!*

Driss: *Só se me der um beijinho. Eu só tô zoando, tô de zoeira.*

Philippe: *A é piada?*

Driss: *É piada, eu tô de brincadeira! Nunca ouviu essa? Sou dou se me der um beijinho. Nunca tinha ouvido essa cara? Qual é?*

Philippe: *Anda, acabou a graça.*

Sobre a diferença entre o capital cultural de Driss e Philippe, Souza (2010) afirma que a ralé se caracteriza como a classe social vítima de incapacitações e inibições que vão muito além da falta de oportunidades econômicas. São indivíduos não só desprovidos de capital econômico, como também de capital cultural, social e familiar, além de condições sociais, morais e culturais que permitiriam a apropriação desses capitais.

No que se refere a visão que a sociedade possui sobre negros, imigrantes e pobres a cena em que um dos parentes de Philippe lhe alerta sobre a conduta de Driss esclarece. Sobretudo na fala de Philippe, que relata que contratou Driss exatamente por ele não ter piedade, ser grande e forte, ter bons braços e pernas, ou seja, são vistos como mão de obra braçal, quase como objetos. Apesar de citar que Driss possui um cérebro que funciona, a impressão passada pela cena não se refere a cérebro no que tange a ser uma pessoa intelectual e sim a não ter deficiência mental.

Parente de Philippe: *Afinal quem é esse cara? Você deixou todo mundo preocupado a Ivone disse que ele é impulsivo, violento e até bateu no seu vizinho. Philippe não é preciso dizer que você precisa ter cuidado, não deixe ninguém ficar na sua casa. Ainda mais no seu estado, isso posto não tenho mais certeza de que você sabe o que é melhor para você.*

Philippe: *Continua falando...*

Parente de Philippe: *Foi confirmado na delegacia, bom ele não é o Al Capone mas também não é nenhum santo, seu cuidador já cumpriu 6 meses por assalto a uma joalheria, além disso ele não possui credenciais, não tem nenhum tipo de diploma. Tome cuidado, muito cuidado, essa gente não tem pena de ninguém.*

Philippe: *É exatamente isso, é o que eu quero, alguém sem piedade. Ele sempre me entrega o celular, sabe por que? Porque ele esquece, é esquecimento, mas ele não tem pena nenhuma de mim. E também é grande e forte, tem dois braços, duas pernas, um cérebro que funciona saúde perfeita. Portanto é o que me ajuda nas minhas condições como você disse, de onde ele veio e o que fez antes não interessa.*

Na sequência o filme evidencia as dificuldades que os problemas sociais ocasionam na carreira. Driss acaba pedindo demissão do trabalho na casa de Philippe para ficar mais próximo de sua família devido ao problema de seu primo com drogas. Driss procura emprego, porém tem dificuldade, em uma transportadora onde conseguiu emprego fica evidente a influência do capital cultural de Philippe na vida de Driss, pois na entrevista ele comenta sobre uma obra de arte e acaba conseguindo o emprego. O filme remonta várias situações que remetem as diferenças culturais, sociais e econômicas dos personagens, em especial Driss e Philippe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Intouchables* apresenta um enredo que se assemelha à realidade apresentada nos resultados de pesquisas acadêmicas, tais como Cavalcanti et al (2015), Fornasier (2015), Custódio (2016) e nas notícias da mídia sobre a dificuldade de ingresso dos imigrantes no mercado de trabalho e também as diferenças de classes. O filme deixa evidente que, enquanto Philippe possui uma deficiência física, Driss possui uma deficiência social. E, neste contexto, Driss empresta seu corpo para suprir a deficiência física de Philippe na medida do possível e Philippe contribui com seu capital cultural e social para a vida de Driss. Philippe faz questão de deixar claro que não é um pobre aleijado e sim um rico aleijado e que isso faz toda diferença.

Assim, este artigo teve como principal propósito contribuir para a discussão acerca das diferenças de classe social, raça e nacionalidade como fontes de preconceito e desigualdades

entre os indivíduos nas organizações e na sociedade como um todo. Ao identificar, por meio da análise fílmica, a questão da importância não só do capital social, mas também do capital cultural, para a ascensão de classe social e, conseqüentemente, movimentação de carreira, entendemos contribuir reforçando com a necessidade de debate e reflexão que deve permear as discussões sobre carreira.

Como limitação deste estudo, apontamos o fato de que, ainda que pertinente ao tema, o filme analisado retrata uma realidade francesa. Desta forma, como sugestões para estudos futuros, sugerimos o desenvolvimento de análise fílmica analisando contextos semelhantes, porém retratando uma realidade brasileira, e também envolvendo os aspectos relacionados a gênero.

REFERÊNCIAS

- Ariss, A. A. e Özbilgin, M. (2010). Understanding Self- Initiated Expatriates: Career Experiences of Lebanese Self-Initiated Expatriates in France. *Thunderbird International Business Review*, 52(4), 275-285.
- Bento, M. A. S. (2002). **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil, Vozes, Petrópolis, RJ.
- Bourdieu, P. (2008). *A distinção: crítica social do julgamento*, Zouk, Porto Alegre, RS.
- Cavalcanti, L. (2015). Novos fluxos migratórios para o mercado de trabalho brasileiro. Desafios para Políticas Públicas. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia*. 11(16), 21-35.
- Cavalcanti, L., et al. (2015). *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório anual.
- Cooper, D. R., Schindler, P. S. (2003) *Métodos de pesquisa em administração*, Bookman, Porto Alegre, RS.
- Custódio, L. N. (2016). *Imigrantes no mercado de trabalho brasileiro: uma análise para o período de 2002-2014*.
- Deluca, G., Rocha-de-Oliveira, S. (2015) Carreiras com Tinta: Desenhando uma Trajetória Profissional no Campo da Tatuagem. In: XXXIX Encontro da ANPAD – EnANPAD, Belo Horizonte: *Anais do EnAnpad*, Belo Horizonte.
- Deluca, G., Rocha-de-Oliveira, S. (2016) Do Estigma à Arte: a Carreira do Tatuador no Sul do Brasil. In: XL Encontro da ANPAD – EnANPAD, Costa do Saúpe: *Anais do EnAnpad*, Costa do Saúpe.
- Diniz, A. (2016) *Imigrantes haitianos sofrem com xenofobia no trabalho*. Recuperado em 15 de janeiro, 2020 de <https://www.otempo.com.br/cidades/imigrantes-haitianos-sofrem-com-xenofobia-no-trabalho-1.1410725>
- Flick, U. (2009) *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed., Porto Alegre: Bookman.
- Fornasier, J. (2015). *Imigrantes no mercado de trabalho formal do Rio Grande do Sul: conflitos gerados pela cultura organizacional*.
- Franzoi, N. L. (2011) Inserção profissional. In: Antonio David Cattani; Lorena Holzamann. (Org.). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. Porto Alegre, RS: Zouk, p. 229-231.
- Godoy, A. S. (1995) Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: 35(2), 57-63.
- Ianni, O. (1978) *Escravidão e Racismo*. São Paulo, Hucitec.
- INSTITUTO SINDICAL INTERAMERICANO PELA IGUALDADE RACIAL (Inspir). (1999) *Mapa da população negra no mercado de trabalho*. São Paulo.
- Leite, N. R. P., Nishimura, A. T., Leite, F. P. (2010) O estudo do construto amor em administração: ciência ou senso comum? *Revista Reuna*, 15(2), 59-81.

- Mayrhofer, W., Meyer, M., Steyrer, J. (2007) Contextual issues in the study of careers. In: Gunz, H., Peiperl, M. *Handbook of career studies*. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc. p. 215-240.
- Oliveira, M. M. (2006) A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estud. av.*, São Paulo, **20**(57), 183-196.
- Philips, N. (1995) Telling organizational tales: the role of narrative fiction in the study of organizations. *Organization Studies*, London, **16**(4), 625-649.
- Rocha-de-Oliveira, S., Piccinini, V. C. (2012) Contribuições das abordagens francesas para o estudo da inserção profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, **13**(3), 63-73.
- Souza, J. (2010) *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: UFMG.
- Souza, J. (2017) *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato* / Jessé Souza. - Rio de Janeiro: Leya.
- Souza, J. (2012) *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Souza, J. Colaboradores: ARENANI, B. et al. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Vanoye, F., Goliot-Lété, A. (1994) *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas, SP: Papirus.
- Viegas, S. I. R. (2008) Olhar e memória na percepção cinematográfica. Princípios: *Revista de Filosofia*, **15**(24), 31-44.